

# COMO SE FAZ UM DEPUTADO

(VER 2.ª PÁGINA)

## AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. ERASMO BRAGA, 227-5.º ANDAR — SALA 519

ANO VIII — N.º 92

Rio de Janeiro, Março e Abril de 1954

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA PORTAL 4.588

O poder, como pestilência desoladora, polui quem quer que o toque; e a obediência converte os homens em escravos e, da estrutura humana, faz um autômato mecanizado.

SHELLEY

## GIGI DAMIANI



Só agora me chega às mãos o número de 22 de novembro transacto do semanário anarquista italiano **Umanità nova** com o retrato, em primeira página, do nosso velho conhecido companheiro Gigi Damiani e a notícia do seu falecimento.

Todos os velhos militantes dos áureos tempos do anarquismo no Brasil, mormente os de S. Paulo, se recordam dessa grande figura mundial. Poucos, é verdade, são os sobreviventes que o conheceram aqui, antes da sua expulsão do Brasil, promovida pela feroz reação burguesa de S. Paulo ante a séria ameaça dos quatrocentos mil trabalhadores paulistas, orientados pelos processos da ação direta.

Nesse período, antes de 1919, todos os chefes e chefetes políticos haviam sido escoraçoados dos sindicatos. O ambiente operário fóra, diríamos hoje, **detonizado** pela valente e incansável pléiade de companheiros de várias raças, entre os quais, em primeira linha, o ardoroso italiano, de cabeleira espessa, a que todos chamavam: o **Gigi**.

Nestas linhas de última hora, quero lembrar o episódio sucedido em 1930, quando me achava em Hamburgo. Um dia, recebi de Augustin Suchy, então secretário da A. I. T. em Berlim, um bilhete. Pedia-me que escrevesse a certa senhora de Bruxelas, em cuja casa se achava Gigi Damiani, foragido. E' que Gigi era, verdadeiramente, **apátrida**. Nenhum vonsulado lhe dava papéis visados e ele vivia de Herodes para Pilatos, expulso de toda a parte, acossado como cão pestoso.

Dizia-me Suchy que Gigi estava em profunda penúria e necessitava de auxílio. Escrevi logo para o endereço dado e, poucos dias depois, recebia a resposta: Gigi não pudera permanecer e fóra-se para destino ignorado.

Não pude assim valer ao meu querido companheiro do Brasil.

Vendo a fotografia estampada em **Umanità Nova** e que reproduzimos, logo reconhecí aquela fisionomia plácida, segura de si, viçosa na mocidade e que os anos amorteceram. Não desfibraram, porém, aquêle espírito de escol, autodidata, certíssimo dos seus fins e que jamais abalaram os contratemplos da luta nos dias mais amargos.

Afligido, há dois anos, de cegueira e paralisia das pernas, informam-nos nossos companheiros de **Umanità nova**, Gigi ditava seus artigos e cartas e se fazia transportar a assembleias e congressos, ainda sófrego por conhecer a marcha do anarquismo e influir nela com sua coragem e experiência.

Mais um grande anarquista italiano da velha cepa, cuja maior glória é ser digno de permanecer na lembrança dos que lutaram com ele.

JOSÉ OITICICA

## Jânio, Jango e Jano

Em S. Paulo, foi eleito prefeito um tal de Jânio Quadros, que parecia um desmentido aquilo que nós anarquistas, costumamos dizer dos políticos: que todos se equivalem. — Homem desprezencioso, honesto, sincero, desinteressado, com uma só ambição: bem servir ao povo que o elegera! Era o que diziam... Admitamos que o fosse... Mas, o poder corrompe! Vendo-se tão alto, o simples professor de outrora, quis subir mais alto ainda. Via-se já governador do Estado, e, quem sabe, Presidente da República! Para alcançar o novo objetivo não escolheu meios. E ele, que fóra eleito como reação do povo contra os governantes atuais, não confiou mais no povo. Idiотamente, procurou apoio de

Jango Goulart e de Getúlio Vargas. De Jango, o milionário fantasiado de amigo do trabalhador e que, apesar das suas habilidades gauchescas, acabou sendo desmontado do Ministério do Trabalho. De Getúlio, essa nova Circe, que, como a da antiga mitologia, tem o poder de transformar em porcos todos os que dêle se aproximam (porcos asquerosos, que, para chegar à gamela, não trepidam em chafurdar na lama...)

E Jano caiu no prestígio do povo. Fez jus ao próprio nome, que supomos derivado de Jano, o deus romano possuidor de duas caras, símbolo adequado para qualquer político.

A. A. V.

## Salário por Decreto

Por FERREIRA DA SILVA

mente aquilo que as circunstâncias tornarem necessário ou a situação econômica mandar que se estipule como contraprestação nesta feira de serviços mantida sob a forma de emprego e salário.

Veja-se bem a posição de inferioridade em que fica o empregado, se o patrão é obrigado a dar-lhe determinada paga porque a lei manda e não porque o trabalhador o reclama. Não pode respeitá-lo, se conhece a sua fraqueza. Tãmanha fraqueza que nem se atreve a dizer o que quer. Diz apenas que tem direito a uma coisa porque o governo mandou. Ou nem isso diz, espera só que o aumento lhe venha sem esforço, sem luta, sem a obrigatoriedade de fazer o preço ao seu próprio trabalho, sem a coragem de querer!

O patrão paga mas não o respeita; o patrão paga, mas despreza-o; o patrão sabe que ele não é capaz de revoltar-se, de gritar, de ser homem! E não é mesmo. A isso levam os movimentos fingidos do trabalhismo oficial. Levam à inércia, matam o espírito de luta, fazem do trabalhador um farrapo que se arrasta e queixa e espera o providencial aumento de um salário que nunca será farto e que os patrões pagam resmungando, em vez de reconhecer a força e a justiça das reivindicações diretas.

Mas isto faz parte do plano capitalista, da manha estatal, da farsa dos sindicatos oficiais: anular a força do proletariado e torná-lo servil, obediente a uma política nefasta, a política que até hoje maior mal tem causado à consciência coletiva dos assalariados. Há um caminho ainda para fugir dessa posição aviltante. Há o caminho que os trabalhadores perderam ao deixar de fazer sua vida sindical livre, fiados na tutela do ministério ou embrulhados pelos dirigentes dos falsos sindicatos trabalhistas.

O sindicato precisa ser livre para ser ativo; precisa ser mantido pelos que nele se associam e não por imposto compulsório que não leva nenhum interesse direto do trabalhador. O sindicato precisa ter força para reclamar em nome dos seus membros e não deixar classes inteiras à mercê de salários por decreto. O sindicato precisa agir diretamente junto dos patrões, sem que o governo se intrometa; agir com liberdade de movimentos e não preso à coleira de leis falsamente protetoras.

Como é desprezível o cão medroso que só ladra e mostra os dentes encostado às pernas do dono!

Como é desgraçado aquêle que não sabe lutar de peito descoberto pelo pão de seus filhos!

## A IGREJA E SEU "APOSTOLADO"

O sr. Tristão de Athayde, escritor católico dos mais agaloados, escreve rodapés caudatos no **Diário de Notícias**, com persistência heróica e belcos lambidos de toda a grel.

Digo da grel (a católica) porque, das demais ou dos sem grel, divido de algum lambimento. E divido porque é preciso ter coragem, suma paciência, de seguir aquela viagem por estrada sobe e desce, empedregulhada, poirento, sem amendoceiras protetoras, nem posta de repouso.

Por dever de ofício, tivemos de ler, todinho, da primeira à última letra, seu rabulongo artigo sobre **Apostolado**.

Lemos e relemos, verdadeiramente pasmados, porque o sr. Tristão tem o dom de estarecer. Estarece mau grado seu estilo de almanjarra, de paus girantes ou roufenha atafona. Estarece com suas asserções catedráticas sobre política, história, economia, filosofia, teologia e quantas mais ias inventou a curiosidade humana.

O artigo de domingo, 17 de janeiro, estarece demais, obriga-nos a pulos no vácuo, a ranger de dentes como se o autor nos malhasse a sopapos arre-messadores de um hereje às trevas exteriores.

A tese do sr. Tristão pouquíssimo interessa. Para ele, a Igreja vem, modernamente, insistindo num conceito novo complementar de um velho conceito, o de estado com e minúsculo (não confundir com Estado). Esse conceito novo é o de **apostolado**.

Até meados do século XIX, afirma o sr. Tristão, funda-se a sociedade do dom de estarecer, isto é, "o de uma posição social definida e estável, a cada um, na sociedade: o nobre é nobre, o clérigo é clérigo, o artífice é artífice, o camponês é camponês, cada um no seu canto. Cada um no posto que lhe compete na ordem social. A preparação para a vida e, portanto, a educação, consiste em fornecer cada qual para ficar onde seus pais ficaram e para continuar, no posto, sem deslocamentos e trocas, a tarefa por outros iniciada". Tratando da idade média, alega ser "caracterizada pela permanência, pela estabilidade, pela tradição, pela imobilidade dos quadros. Em suma, por um status, correspondente a cada indivíduo e a cada família".

A sociedade de hoje, a partir desse meado do século XIX, é "uma sociedade baseada na instabilidade, na permeabilidade, na passagem, em suma, no estado permanente de crise". Para ele, essa Crise (com e maiúsculo) é uma situação hoje "permanente e típica de toda a sociedade moderna, no Ocidente ao Oriente, do Sul ao Norte".

Concluiu o exórdio assim: "Esse é um dos novos aspectos da sociedade de Marx e qualquer dos filósofos da história, até o século passado, não viam. Todos consideravam as crises ou como fenômenos nocivos ou como fenômenos benéficos, mas sempre como fenômenos passageiros".

Ora, segundo ele, mostra a experiência que a crise, neste século ao menos, não é fenômeno acidental. "É um fenômeno essencial e permanente".

Essa teoria bebeu-a o sr. Tristão em Pio XI, o qual, há vinte anos, asseverou que a crise moderna é de tipo novo, porquanto as antigas eram parciais e locais, ao passo que a do século XX é uma crise universal e total".

Impossível demonstrar aqui ao sr. Tristão e aos manes de Pio XI, a rematada ilusão de tudo isso, consequência da total ignorância da história real do mundo.

Nem todos os filósofos têm dito fôsem parciais as crises passadas. Há uma doutrina que, faz mais de um século, tem mostrado a **crise permanente da humanidade** desde os mais remotos tempos até hoje apontando-lhe a causa profunda.

Se o sr. Tristão a desconhece é por não lhe convir a leitura desses doutrinadores, verdadeiros desmancha-prazeres.

Seria mister escrever um livro para desvendar a **mentira** daquele status aparente, símbolo apenas de opressão. Status verdadeiro, o mais cerradamente status foi, multissecularmente, o da Índia; mas, não me venha dizer o sr. Tristão ou a alminha de Pio XI que, na Índia das castas, não havia **permanente crise social**.

Não perderei meu tempo com as fantasias do sr. Tristão. Quero aqui, apenas expor a doutrina facilmente demonstrável, de um profundo conhecedor das crises passadas e presentes, desde a idade média. Refiro-me a Auguste Chirac.

No tomo primeiro de sua rudemente exata obra **L'agiotage sous la troisième république**, esse autor, depois de firmar o fato de ser o homem naturalmente conservador de sua vida e não destruidor, estabelece que as **destruições**, parciais ou gerais, das massas humanas são contrárias aos fins da humanidade; logo, o papel do sociólogo é assinalar encadeadamente essas destruições e analisar-lhes as causas.

Ora, estudando os historiadores, chegou Chirac à seguinte conclusão: Não tardamos em descobrir que a maioria das histórias conhecidas parecem ter sido escritas por selvagens; que tudo o que tendeu a destruir a humanidade foi exaltado, ao passo

que tudo quanto tendeu a perpetuá-la melhorando-a foi oculto ou desnatado ou vilipendiado". E acrescenta: "Esquecidos perpetuamente de que: **governar uma nação é, simplesmente, organizar as solidariedades do homem e da natureza, em determinado número de hectares, em província de dado número de seres, os historiadores apostaram-se em deficiar assassinos, honrar ladrões, enquanto votavam às gemônias os roubados e os mortos**".

Quem poderá negar isso?

A chamada civilização consistiu apenas em "transformar o roubo brutal nas estradas em hábeis latronices nas cidades".

Mais duramente assevera o autor: "Eu poderia apanhar um por um dos grandes reis, grandes capitães, grandes senhores, arrancar-lhes a máscara com que os mascararam a choldra de historiadores cortesões e exibir assim, aos olhos espantados do leitor, uma série inteira de bandidos, assassinos, ladravazes e falsários, alguns dos quais são venerados nas igrejas ou possuem, como santos, estátuas".

Disse o sr. Tristão ser característico da idade média a **estabilidade** e a do presente a **instabilidade**.

Chirac assenta haver, em "cada evolução da humanidade, uma característica". Ora, o que se nota, em toda a história, são **lutas perpétuas** (p. 16); apenas se modifica a forma e os instrumentos materiais. Em resumo: as **destruições**, na humanidade, não mudaram de natureza: são e sempre foram obra do parasitismo.

Observa ainda que o processo de destruição, com as invenções, se vai aperfeiçoando a tal ponto, que "brevemente será possível suprimir uma nação inteira num dia". A perfeita exatidão da doutrina se delata nessa previsão, pois o livro se publicou há uns setenta anos.

Procura, então, o autor aplicar à França essa possibilidade de caracterização e verifica os seguintes períodos:

Primeiro: o **banditismo sálico**, roubo da terra a mão armada; depois, torna-la **alodial**; depois, de alodial, sálica, sem dever a ninguém tributo ou menagem. Vai de Clóvis a Carlos Magno.

Segundo: o **banditismo feudal**, ali-cercado nos arrendamentos. Tãntos senhores, tãntos déspotas. Cria-se para eles a **profissão dos milicianos com companhias armadas**. Val do fim do século nono ao começo do décimo quarto.

Terceiro: o **banditismo mercantil** (entrada da Inglaterra em cena): terras, casas, trabalho, cargos, profis-

(Conclui na pág. 2)

# MUNDO ERRADO

Notícias de tóda parte coligidas e comentadas por E. do Contra

## BRASIL

**O PROBLEMA DO AÇÚCAR** — Reuniram-se em convenção os produtores de açúcar (ou antes, os pseudo-produtores, isto é, os proprietários de usinas, pois os verdadeiros produtores, os operários, ainda nem pensam em convenções para defender os seus interesses).

Há um grande problema que resolver: excesso de produção. Seria lógico que, neste caso, baixassem os preços do produto, para que aumentasse o consumo, muito reduzido neste país. Mas, isso não querem eles. Produzindo com instalações e métodos antiquados, pagando salários miseráveis, os usineiros só vêem duas soluções: restringir a produção ou exportar. Como o açúcar no mercado mundial tem preços inferiores aos daqui, eles preferem que se exporte a baixos preços e, como compensação, se aumente o preço para o consumo interno. Chegam a pleitear a exportação para os países comunistas. Foi o que propôs o Sr. Luiz Guarani, proprietário da usina Cambaiba, no município de Campos. Esse cavalheiro, dono de um cartório no Rio, que lhe permite vida regalada, só se lembra da usina para dela espremer os seus lucros. Atrás do pagamento dos fornecedores e até dos operários, que o detestam cordialmente. Ainda não há muito, lá na usina, ofereceu lauto banquete a um grupo de deputados. Mas, receoso de alguma represália da parte daqueles que explora, mandou cercar de arame farpado o local da comemoração. E é esse indivíduo, inimigo feroz do comunismo, que agora pretende exportar açúcar para a China. Enquanto isso, muitos brasileiros continuam adoçando o café com garapa, quando a têm e quando têm café.

**POVO DE BOA INDOLE** — Em entrevista a "O GLOBO" de 4-3-54, declarou o ator americano Robert Cummings que recentemente esteve entre nós: "A maior sensação de minha vida foi a da nossa chegada ao baile do Teatro Municipal. Calculei em duzentas mil pessoas as que se encontravam na praça, avançando-nos. Sómente lastimo a maneira pela qual a polícia abriu caminho ante o povo, pois acredito que não havia razão para tamanha violência. Apreciei a boa índole do povo brasileiro, pois, se tal tivesse acontecido em qualquer parte dos Estados- Unidos, aqueles guardas teriam sido massacrados." Boa índole! Eufemismo amável para designar o que, em português claro, se chama "espírito de carneiro"! Se é de revoltar a fôrma como a polícia age em relação ao povo que a sustenta (em São Paulo aconteceu coisa idêntica à chegada dos artistas que foram ao Festival de Cinema...) mais revoltante é a paciência, a mansidão com que uma multidão imensa se deixa esbordear por alguns matulões!...

**PARTIDOS E PROGRAMAS** — "O P.S.D. não tem programa nenhum. Seu programa é servir aos governos e desservir ao povo" diz R. Magalhães Júnior no "Diário de Notícias" de 4-3-54. De acordo. Apenas achamos, que o que se diz do P.S.D. pode ser dito de qualquer outro partido político, inclusive o P.S.B.

**AGITAÇÃO EM SÃO PAULO** — Notícia "O Globo" de 5-4-54 que no bairro do Ipiranga os moradores tentaram linchar o Padre Mariano Serra, vigário da paróquia de N. S. Aparecida. Foi necessária a intervenção de numerosa força policial, que incluiu um carro-lanque, sendo feitos disparos a fim de dispersar os amotinados. O padre declarou que a revolta foi

causada por ter ele prendido, em um cômodo da igreja e posteriormente entregue ao juiz de menores, três meninos que invadiram o terreno da igreja e tentaram depredá-la. Populares, porém, declararam que o sacerdote vinha desgostando seus paroquianos, fazendo, durante a missa, propaganda de um dos candidatos aos Campos Elisios. Alegaram ainda que o mesmo é visto de automóvel em companhia feminina, gastando assim o que deveria ser aplicado em fins religiosos. Cabe agora perguntar: esses paroquianos não seriam mais inteligentes se, em vez de violência, deixassem de frequentar a igreja e de contribuir para os prazeres daquele que os vigariza?

**BENÇÃO DE AUTOMÓVEIS** — Noticiou o "Globo" de 13-2-54: "Repetir-se-á amanhã a benção de carros na Igreja de N. S. de Copacabana. A benção é gratuita, mas, "insinua o jornal," será uma boa oportunidade para que os automobilistas deixem aos pés da Imagem uma contribuição que reverterá em benefício das obras da nova Igreja."

**FAMÍLIA UNIDA** — O prefeito Dulcídio Cardoso tem dois filhos. Durante a sua gestão, um deles foi nomeado escrivão da Fazenda Pública e outro delegado fiscal e seu secretário particular. Este último de nome Ivan Cardoso, acaba de ser designado para Secretário do Interior.

## PORTUGAL

**A VIRGEM PEREGRINA** — Regressou a penates a imagem que andou peregrinando pelo mundo afora, distribuindo bênçãos e milagres e reunindo, para os cofres da Igreja, jóias e dinheiro "à pamparra". Entre os milagres, além das costumadas curas de paralíticos e de histericas, dois são dignos de nota: converteu à religião católica toda uma casa de prostitutas incluindo a "patroa", e fez morrer entre sofrimentos uma pobre indígena da Polinésia que teve o desplante de ir-se à passagem do cortejo em que ia a Rainha da Bondade! Que bondade, hein? Só um milagre ela não fez: o de concertar-se a si própria, quando se escaqueirou em consequência duma queda ocorrida aqui no Brasil. Foi preciso mandá-la de volta a Portugal, pois só lá havia operários competentes para isso.

**FAUSTO E MISÉRIA** — Em Lisboa realizou-se o casamento da Senhora Wilma Baccarini Breia com o Dr. Delfim Alexandre Ferreira. Casamento faustoso, como convinha aos rebentos de dois poderosos industriais. Bispos, ministros, embaixadores. O vestido da noiva, bordado a pérolas, custou oitenta contos. O diadema, feito no Brasil, apenas setecentos contos. O restante enxoval: mil e duzentos contos. O dote da noiva: dez mil contos. Enquanto isso, no Alentejo, conforme declarações d'um arcebispo, a situação de miséria entre os trabalhadores torna-se insustentável.

## ESPAÑHA

**AJUDA AMERICANA** — A Cartágena chegaram os primeiros tanques, lança-foguetes e outros equipamentos militares destinados a fortalecer o exército espanhol. Assim começa a ser posto em prática o acordo Franco-Estados Unidos. Armas para combater a Rússia, dizem os americanos. Armas para manter o povo espanhol na escravidão, dizem nós. E lembrarmos-nos de que se lutou contra Hitler e Mussolini em defesa da democracia!

**FRANCO E O VATICANO** — O

núncio papal na Espanha entregou ao carrasco Franco o Grande Colar da Ordem de Cristo, que lhe foi concedido pelo papa Pio XII. A condecoração, que é a mais alta do Vaticano, só é conferida em raras ocasiões e por serviços especiais prestados à Igreja. Simil Serviços especiais, retribuição de serviços especialíssimos dela recebidos pelo atual Generalíssimo. Não esquecermos que este contou com quatro poderosos aliados, que lhe garantiram a vitória: Salazar, Hitler, Mussolini e... o Papa!

## FRANÇA

**OS PADRES OPERÁRIOS** — Faltou completamente a experiência dos padres operários. Alguns sacerdotes, autorizados pelos superiores, foram viver entre trabalhadores, adotando profissões manuais e submetendo-se aos mesmos sacrifícios. Fizeram isso com a intenção de fazer voltar ao redil católico os operários que dele viam afastados. Mas o contacto com a dura realidade fez com que se invertemessem os papéis: os padres é que estavam em risco de se tresmalharem. Antes que tal acontecesse o arcebispo de Paris, com apoio do Papa, resolveu dar por finda a experiência.

## VATICANO

**PEDAGOGIA MODERNA** — Falando a um grupo de pedagogos católicos o Papa aconselhou-os a modernizarem os seus métodos de ensino. Se houvesse sinceridade nisso a primeira coisa que fazer seria abandonar o catolicismo, que, como qualquer religião, é incompatível com a verdadeira pedagogia.

**MISSA PELA TELEVISÃO** — Declarou o Papa que a um católico não é suficiente assistir à missa pela televisão. Desde que possa, deve estar presente à sua celebração na igreja. Supomos que a missa pela televisão só será plenamente aceita quando, com a 3ª ou a 4ª dimensão for possível estender até o nariz do telespectador o saco de esmolas e recolhê-lo novamente com a respectiva espor-tula.

## ESTADOS UNIDOS

**FOME E ABUNDANCIA** — Segundo estudos da Sociedade Norte-Americana de Geografia, aproximadamente dois terços dos habitantes do globo terrestre morrem de fome, apesar da produção mundial de alimentos ser suficiente para nutrir toda a população da terra. Enquanto isso nos Estados- Unidos aumentam dia a dia os estoques de gêneros acumulados pelo governo e pelos quais paga quatrocentos mil dólares diários só de armazenagem.

## COLÔMBIA

**TOLERANCIA RELIGIOSA** — O governo proibiu toda propaganda pública de qualquer religião que não seja a católica. O mesmo já aconteceu na Espanha e em outros países. Depois vêm esses hipócritas papa-hóspedes queixar-se de que são perseguidos e não lhes permitem vender o seu peixe...

## VENEZUELA

**CONFERENCIA DE CARACAS** — Reuniu-se em Caracas uma conferência dos países americanos. Reunião de democracias para tratar de princípios democráticos. Já a escolha de um país submetido a feroz ditadura para sede da conferência, dá que pensar. E a presença de numerosas ditaduras (Argentina, Peru, Equador, Cuba, R. Dominicana, Haiti, Nicarágua, Venezuela, Colômbia, etc.) fizeram concluir que certas palavras mudam de sentido. Democracia, hoje, quer dizer governo favorável aos Estados- Unidos. Aquêles que não for favorável, esse é comunista.

# Como se faz um Deputado

Por VARLIM



Quando, pela primeira vez, ouvi falar em deputado e na missão junto aos governos, pensei que tal tarefa não só seria muitíssimo útil, como até difícil de desempenhar.

Idéia ingénua essa de acreditar que, para ser deputado, senador, ministro, presidente da república era preciso ser homem honesto, culto e como tal, considerado pelo público, pois, só assim poderia ser eleito e representar o povo.

Puro engano! Raríssimas vezes fala o deputado no povo a quem considera um montão de seres atarrasados e indignos do seu apoio em suas reivindicações.

Nas horas de luta por melhores condições de vida, é sempre o povo o torpedeado pela autoridade e muitas vezes, até vê seus movimentos e iniciativas desvirtuados, senão combatidos, pelos deputados.

O deputado não é, nem mais nem menos, que representante de seus próprios interesses ou de correntes políticas, os tais partidos, capitalistas ou religiosos.

Em vésperas de eleições, desenrolam-se dramas e comédias, exercem-se pressões, cometem-se tiranias e faz-se da consciência um farrapo, uma palavra vã, só com o objetivo de enganar, de ludir; jamais com a idéia de traduzir uma verdade, senão com a de furta-los, cínica e covardemente o pão daqueles mesmos que lhe deram o voto. Isso repete-se freqüentemente nos lugares onde há centros eleitorais.

Para ser deputado, antes de tudo, é preciso ter dinheiro para custear a eleição. Depois, ter o apoio de um partido regido por um cacique ou mais de um. Tem de pagar almoços e jantares aos cabos eleitorais, os alciados de votos, os arranjadores de títulos, os distribuidores de cartazes, pagos, é claro, por mês, e fintadores consumados. Os indecisos têm ternos de roupa, alugéus de casa fianças e ofertas de lugares após a vitória do candidato.

Muitos eriam até clubes de futebol com seu campo e insígnias e os oferecem à juventude. Nos discursos inaugurais e nas manifestações encomendadas, prometem cobras e lagartos, mundos e fundos; na realidade, porém, seu fim único é defender os capitalistas, captar-lhes o apoio dos jornais e, por intermédio destes, penetrar nas simpatias desses reis do ouro.

A câmara dos deputados não passa de uma rinha de debates, onde se fabricam as leis, todas elas armas dos capitalistas e seu mundo contra o povo por elas subjugados.

O despotismo, é claro, não se manifesta por amor; impõe-se pela crueldade, pela violência, pela traição, e é apoiados nesse despotismo vexatório dos possuidores que os caciques e seus deputados, em vésperas de eleições pedem votos a uns, exigem de outros sem corarem de vergonha, sem nenhuma preocupação ou desejo de proporcionarem a menor felicidade aos homens.

Eleitores! as eleições são um jogo de interesses em desequilíbrio, procurando uns galgar o pósto superior, enquanto outros buscam manter-se pela força se for preciso. Os partidos políticos aumentam cada dia. Triplicam-se os candidatos e os caciques, surgem promessas aos milhares em programas e plataformas por país a fora. Das cidades aos recantos mais escusos dos povoados, chega o Papai Noel dos partidos políticos com a sua sacola, a distribuir suas dádivas com uma das mãos enquanto, com a outra, procura amordaçar o povo, já asfixiado pela tirania dos governos.

Ante os ditos e discussões de partidários políticos, somos forçados a alertar o ingênuo e humilde povo. Este sofre, com infinita angústia, os horrores vexatórios e degradantes de ignominiosa escravidão. O povo sofre porque confia aos outros o que lhe competia fazer e assim vive ignorando sua força. Tem medo porque se acha isolado, porque não se une em sólida organização consciente, que seria indestrutível, não se revolta contra os políticos e mandões cuja pressão em sua força é a doença que impede o seu triunfo. Trabalha, moureja, sacrifica-se, padece, martiriza-se numa inconsciência revoltante para manter o conforto e as ostentações deslumbrantes de outras pessoas que o olham desdenhosas, com superioridade e predomínio de todo injustificável.

Povo! já é tempo de despertar, de arrostar a realidade da vida e compreender que deputados, senadores, vereadores ou ministros são meras peças da devoradora máquina do Estado. Tua felicidade e bem-estar nunca te serão dados pelo Estado. Não de ser conquistados ao Estado pela força da tua livre união, da tua solidariedade com teus irmãos, através da AÇÃO DIRETA: greves, sabotagens, ocupação de fábricas, etc.

O Estado é a garantia dos exploradores e tu és explorado. Votar é concorrer para prolongar teu sofrimento.

# Quando Eles Pensam como Nós

## A IGREJA...

(Conclusão da 1.ª pag.)

sões tudo se comercializa, se troca e confunde. Vigora nos séculos XIV e XV.

Quarto: o banditismo agiota. Vai do século XVI até o presente.

Chirac subdivide este quarto período assim:

a) agiotagem real: os Luíses com Richelieu e Colbert, com Filipe de Orléans, com os Luíses do século XVIII.

b) agiotagem burguesa: ocupa grande parte do século XIX e dela faz-se uma ciência.

c) agiotagem financeira: a dos grandes bancos do século XIX e do XX, aliada à política internacional.

Porque qualifica Chirac essas épocas com o depreciativo nome de banditismo?

Porque, não sendo anarquista, houve por bem reconhecer, sem confessá-lo, o conceito de Froudhon: a propriedade é o roubo. Todo o direito romano é a consagração legal do roubo praticado pela minoria dos possuidores à maioria dos não possuidores.

A história, desde os primórdios até hoje, não passa de uma crônica disfarçada de uma permanente crise de grandes e pequenas rapinagens. A história aprendida nas escolas é a mais nojenta mentira educacional impingida pelo Estado, máquina do roubo organizado. Em qual compêndio de história se narram os infames agarramentos de trigo operados pelo senador e sumo pontífice, o famoso orador Cícero?

Ora, o status, o estado, a imobilidade, do sr. Tristão coincide com três períodos de feroz banditismo. O período moderno, para ele o de dinamismo e crise permanentes, não passa de uma subdivisão do quarto período: da agiotagem financeira, consequente à aparição do crédito e da alta financeira.

Em tudo persiste um fato único:

Nesta secção transcrevemos opiniões de indivíduos que, não sendo anarquistas, emitem, no entanto, conceitos que nós mesmos poderíamos assinar. Trata-se, principalmente, de críticas ao regime atual. Na hora, porém, de apresentar soluções, divergimos radicalmente. Enquanto eles teimam em seguir métodos políticos, que todos se equivalem, nós preconizamos a Anarquia, isto é, a abolição de quaisquer formas de governo, assim como da propriedade particular dos meios de produção.

"O Boi e a Carne" pelo Deputado Raul Pilla ("Diário de Notícias", de 3-2-1954).

O PREÇO DO BOI SUBIU. Subiu como tudo vem subindo, graças às vertiginosas emissões e às desastradas intervenções do Estado na economia. Mas se é do couro que saem as correias, do boi é que sai a carne. Assim, se o boi custa mais, mais há de custar a carne. Boi caro e carne barata não parece possível. O contrário, sim, concede-se facilmente: boi barato e carne cara. Os intermediários sabem geralmente como elevar o preço das coisas que lhes passam pelas mãos.

Ora, a carne é dos artigos que, subindo tudo em consequência da inflação, não têm licença de subir. Assim o exigem os respeitáveis interesses da demagogia, que está governando o país. Como conseguiu-lo? A solução foi encontrada neste meu glorioso Estado do Rio Grande do Sul.

A solução lógica para deter o preço da carne seria fazer baixar o preço

exploração do trabalho da imensa maioria por uma reduzida minoria opressora. Incluem-se nessa minoria Estados e Igrejas. Quem duvidar disso, leia os dois volumes da História das Riquezas do clero de José Martins, escrita e editada no Brasil.

JOSÉ OITICICA

ço do boi. Não sei se isto seria possível neste clima inflacionário. Mas por aí é que se deveria começar. Entretanto, arranjou-se outra solução. Não se podendo baixar o preço do boi e não se querendo elevar o preço da carne, o governo pagará a diferença. Solução portentosa, que deixará o Povo satisfeitíssimo da vida e consolidará o prestígio do governo.

Ora, tempo é que o povo comece a refletir, em vez de se deixar embalar pela cantiga dos demagogos. Se é o governo quem vai pagar a diferença, quem a pagará em verdade, é o Povo, do bolso do qual sai o dinheiro dos impostos. E, como a maior parte dos recursos dos governos estaduais provém de tributos indiretos, isto é, que gravam proporcionalmente mais os pobres, que os ricos, acontecerá que este, menos do que aqueles, concorrerá para cobrir a diferença. Assim o que o governo fará, com os seus arês paternalistas, é dar com u'a mão, o que vai tirar depois com a outra.

Ainda bem seria, se tudo parasse aí: o governo faria então um simples adiamento, para que o povo mais facilmente pudesse comer a sua carne, pagando logo a parte do preço e outra parte mais tarde. Mas o avultado crédito requerido pelo plano acarretará novo aumento de impostos, que, sendo indiretos na sua quase totalidade, determinarão novo aumento de carestia. O remédio agravará a doença.

O plano, pois, não barateia a carne e concorre para encarecer as subsistências, em geral. Mas dará a impressão de que o governo se interessa pelo bem estar do Povo: é quanto basta.

Quererá o povo começar a refletir sobre os seus problemas e sobre o seu governo?

Um trecho de Pitigrilli ["Diário de Notícias", 4-2-1954]

Para simplificar as coisas os homens, consórcios entre si, inventaram a administração, sem a qual, pensavam em seu sublime candor haveria o caos. E o caos chegou, porque a administração degenerou em burocracia.

Assisti, faz alguns anos, a esta cena: a um empregado da Companhia Metropolitana de Paris entregou à polícia um rapazião que tinha viajado no subterrâneo sem pagar a passagem. Estava eu com um dos dirigentes da companhia que era requintado humorista. Ele me disse melancolicamente:

— Em vez de levá-lo à delegacia, deveríamos dar-lhe um presente.

— Porque? — perguntei.

— Saiba o sr. — explicou ele — que a companhia está todos os anos em déficit de três milhões, porque a distribuição e o controle das passagens custam 3 milhões à administração. Se fosse permitido ao público viajar de graça, isto é, se fossem suprimidos os bilhetes de passagem, bilhetarias e controle, se realizaria uma economia de 3 milhões, e estaríamos então em perfeito equilíbrio. Perde-se dinheiro, porque o público paga.

Para sair da "selva" da burocracia, o homem precisou recorrer à corrupção, que é o único meio de se livrar dos tentáculos das leis, dos regulamentos, das proibições, das permissões, da negligência, da irresponsabilidade. O "claring" impossibilitou os câmbios, e o homem voltou clandestinamente ao comércio livre, ao mercado negro. Para viajar tranquilo a outras terras tinha inventado o passaporte, que em sua origem era um afetuoso documento, por meio do qual o rei recomendava seu sú-

bito à benevolência de outro rei. Mais tarde, porém, o passaporte se converteu em algo assim como aquela carta de recomendação, em que o rei Argos apresentando seu súbito Belorfonte ao rei da Lícia, aconselhava a este último, por um sinal misterioso, o assassinio de recomendado. O passaporte, moderna carta de Belorfonte, diz quanto dinheiro se leva nos bolsos, obriga a ir-se embora depois de três meses ou a passar sem demorar-se para tomar uma bebida, a não gastar menos de certa quantia diariamente.

Um pouco de história (Dum artigo de Bob, em "A Careta" de 20-2-54)

Oswaldo Aranha acaba com a CEXIM mas não acabou com a exploração, porquanto, afastando todos os ladrões, mediante o fechamento da CEXIM, criou o plano Aranha, pelo qual o Governo se tornou o único beneficiário. A diferença que existe, para o povo explorado, é, em última análise, a de que, em lugar de serem muitos os seus exploradores, passou a ser o Governo o explorador privilegiado.

Estamos sofrendo nova onda de aumentos de preços das utilidades. Já subiu o açúcar, o café, a manteiga, o telefone, as verduras, as frutas, etc. Estão na bica para subir, mais uma vez, o ferro, o leite, o pão, a carne, os remédios, etc.

Não obstante isso, continuamos a ouvir promessas e discursos otimistas, que nos prometem vida barata, casa de graça, carne a seis cruzeiros, moralidade administrativa, justiça pronta e barata, etc., etc. E o que espanta, o que desnoiteia, é descobrir que ainda há ingénios que acreditam em tais promessas.

# OS SOLUÇOS DO PAPA OU O DECLÍNIO DA FÉ

Chegou a causar sérias preocupações (não a nós...) o estado de saúde do papa Pio XII, vigário de Cristo sobre a Terra. Fora Sua Santidade acometido de renitentes soluços, que teimavam em não o abandonar. Não eram, evidentemente, soluços de dor pelas mazelas que imperam neste vale de lágrimas, imperfeita criação do Mais-Que-Perfeito. Nem soluços de piedade pelas vítimas dos catolicísimos Fraco e Salazar. Tampouco eram soluços de arrependimento por toda uma longa existência vigarizando o próximo. Nada disso! Tratava-se de corriqueiros soluços, relacionados com o seu processo de gastrite, mal vulgaríssimo de que julgávamos isento quem tão alto falaria sobre os demais mortais. Mas, acabam-se os soluços... O papa já pode papar as suas comidinhas, preparadas por freiras especializadas nesse mister. Já pode piar conselhos e admoestações. Já passa nos seus aposentos particulares, de vinte e tantas divisões (e tanto cristão por aí que tem de alojar toda a família numa só divisão...). Enfim, já está livre de perigo, graças às preces de todo o mundo católico e não católico (até os judeus oraram por sua intenção...). E não apenas graças às orações, seja dito de passagem. A sua disposição estiveram todos os recursos da moderna medicina: especialistas de renome, completos exames laboratoriais, as últimas novidades em terapêutica. Quanto longe estamos daquele seu antecessor na cadeira de S. Pedro, que, há algumas décadas apenas, moribundo e pudibundo, preferiu morrer a exibir a um médico os segredos do seu corpo virginal! Aliás, muito mais coerência havia no procedimento desse outro papa, cujo nome não nos ocorre. Custa a entrar-nos na cachimônia que um católico, demais o maior deles, representante direto da divindade, necessite de recorrer à pobre ciência humana, tão mal-sinada mas tão procurada na hora do apêto. Parece-me que só é possível um raciocínio: ou Deus quer a cura do indivíduo, e este não necessita de recorrer a outros meios, ou não quer e, nesse caso, não pode haver terapêutica que contrarie a sua vontade. O fatalismo, a submissão cega à vontade divina, afigura-se-me a única atitude admissível num crente. Recorrer a meios puramente humanos é, pelo menos, incoerência.

Aliás não é novidade, nem raridade, essa atitude de incoerência, em indivíduos que se dizem dotados de grande fé religiosa. E não só entre católicos. Temos colecionado certo número de fatos, que o demonstram.

Há dias, numa revista de propaganda dos Estados Unidos, edição oficial, vimos a reprodução dum quadro célebre naquele país: representa um grupo de "puritanos", parte da primeira leva de imigrantes protestantes chegados da Inglaterra, dirigindo-se ao templo para assistir ao serviço religioso. Lá vão eles, solenes empertigados, carregando a sua fé e... boas armas de fogo! Se os indígenas ou as

feras aparecessem de repente, a fé só de pouco valeria.

Há tempos vimos também, na revista "O Cruzeiro", a fotografia dum raio caindo no para-raios do monumento ao Cristo-Redentor, no Corcovado. Surpreendente fotografia! Porém o que mais me surpreendeu foi saber que tal monumento dispunha de para-raios. Então os seus construtores, católicos na certa, possuíam tão pouca fé que julgavam possível que o próprio Deus fosse destruir a sua imagem glorificadora? E acharam mais seguro recorrer à maravilhosa descoberta de Franklin, fruto da ciência, invento do Diabo?

Por falar em para-raios, já repararam que rara é a igreja que deles não dispõe? O que não impede que, de vez em quando, talvez por defeito de instalação, em alguma delas caia um raio que a parta, como sucedeu há anos com a igreja de Santa Luzia, aqui no Rio, na Esplanada do Castelo. Parece até que o Todo-Poderoso tem particular aversão aos templos católicos, não freqüentemente são eles destruídos por catástrofes diversas (tempestades, terremotos, incêndios, desabamentos por excesso de peso, etc.).

Entremos numa igreja. Por toda parte encontramos caixas de esmolas, todas fechadas com bons cadeados e, na maior parte, presas ao local onde se encontram. Será que tantos santos e anjos, além do próprio Deus onnipotente, omnisciente e omnipotente, não bastam para protegê-las? E quando algum larápio materialista se encarrega de aliviar o conteúdo dessas caça-niquéis, não é a Deus nem aos santos que os vigários se queixam, sim à humana (humana, hein?! ) polícia!

Outro exemplo: Um bispo católico chinês foi aos Estados Unidos pedir auxílio contra os comunistas que ocupavam a sua terra. Que espécie de auxílio? Solicitou preces dos seus correligionários? Visitou algum templo ou santuário fértil em milagres? Nada disso! Dirigiu-se ao Presidente dos Estados Unidos, esse sim, realmente poderoso, pois dispõe de dinheiro, armas e homens, argumentos terrestres, mas muito mais eficazes do que tudo o que de sobrenatural pudesse ser inovado.

E na Espanha, na Colômbia e outros países católicos e totalitários, a quem se dirigem as autoridades eclesiásticas a fim de impedir o alastramento de outras religiões? Aos respectivos governos que, por meio da censura e da polícia, probem a propagação de qualquer outro credo.

Por hoje, chega. Do contrário nunca mais terminariamos, pois são incontáveis os exemplos que mostram que aqueles mesmos que se dizem homens de grande fé religiosa são os primeiros a confiar antes nos meios humanos do que nos sobrenaturais. Quem tiver olhos para ver, veja, com eles bem arregalados! — E tire as suas conclusões...

A. T. U.



## PISANDO MORTOS

Várias nações lutaram na Europa. De todas, uma, especialmente, nos chamou a atenção: a Espanha. A luta representava o comum esforço para destruir tiranias e estabelecer, no mundo inteiro, os princípios elementares da liberdade.

Entre os inimigos, um regime, ainda persistente, dava seus homens, suas indústrias, sua produção e sua política. Era o franquismo, que combatia as leis da razão.

Mas, que sucede? Que pretendem? Hoje, os EE. UU., que tanto barulho fizeram, realizam um pacto.

Será possível?

Os EE. UU., insultando os mortos? Os EE. UU., destruindo o templo da verdade?

Meditei um momento.

Com que fim se realiza esse pacto? Porque esse insulto a um povo que conosco simpatiza, lutou por nós e defendeu vossa causa?

Esse pacto, renegamo-lo! Nada comum pode ter o povo espanhol com o cadáver do franquismo.

Está morto; é um passado e nós representamos o porvir.

E' o terror, o assassinio, e nós somos a liberdade e a harmonia.

E' a traição e a vergonha, e nós somos a lealdade e a honradez.

E' o jesuitismo, o nazismo, o fascismo, e nós somos a fraternidade.

Somos parte do povo espanhol; somos os anarquistas e anarco-sindicalistas sempre dispostos a acompanhar qualquer luta que defenda em sua ação os interesses do ser humano.

Só temos uma linguagem, a que se destina aos povos e dirigimo-nos com nossa voz aos americanos para dizer-lhes: "Vossos políticos e vossos diplomatas nos atraíram ao pactuar com um assassino na paz dos cemitérios. De fato, declarastes-vos inimigos ativos da liberdade que defenderemos, por que lutaremos e vos combateremos. E vós, charlatães sem

escrúpulos, de promessas não cumpridas, de ministérios, chancelarias e embaixadas, de uma cousa vos advertimos: "Pelo bem da humanidade, pelo bem da Europa, pelo bem do vosso povo e do povo espanhol, a Espanha vos combaterá. Combater-vos-á com o desprêzo, com a magestosa dignidade de sua glória na luta pela emancipação revolucionária, com sua fome e seu luto".

Políticos americanos! *vossa grandeza* desmorona-se ante esse pacto que denota vossa debilidade. Temel pela terrível falta de tática desenvolvida! Pensai nessa Espanha de 1936! Todas as reações lhe são possíveis. Parece dormir, mas desperta e a letargia de hoje é a medida de sua reserva de energia combativa. Em outros países, já tivestes exemplos.

Vosso rasgo é magnífico! : pactuar com o tirano que abertamente contrariou vossa peleja, vos cuspiu na cara, vos maltratou e encarcerou vossos soldados, aproveitando o azo de se achar um povo, amordaçado e atraído, desparzido, entrelaçado vossa bandeira com o símbolo do despotismo que esmagava famílias famintas, mulheres sem maridos, irmãs sem irmãos, pais e filhos, sobre este povo, o primeiro que vos deu seu sangue, vos apoiou na guerra, vos secundou na vitória. Refleti! *vossa* bandeira, chamada da liberdade, insulta, neste momento, ante o estupor do pensamento humano, mais de dois milhões de assassinados, como tantos de nossos irmãos de sangue, pelos Judas que hoje venerais.

Povo americano! os anarquistas e anarco-sindicalistas espanhóis dão-vos claridade de atenção. Vossos políticos, com seus métodos, revelam ter saído das escolas do Kremlin! Vós que levais em vosso ser o germen da liberdade do passado, não podeis ser os forjadores do machado truncador das liberdades dos povos. Vós descendentes de grandes lutadores, não podeis ser os responsáveis do extermínio dos idealistas necessários ao progresso social da humanidade. Não deis ao mundo a impressão de que sois os vândalos que tentam decapitar a civilização.

O pacto com o franquismo é uma vergonha!

O pacto com o franquismo é um crime!

Políticos! vossos dólares não velarão nossos assassinios, nem detêrão o movimento social do porvir. Atrai-os aos quatro ventos que tampouco poderão tapar os sepulcros de onde saem os gritos permanentes da liberdade e da fraternidade.

Espanha tem fome, mas Espanha tem alma e dignidade. Compra! Compra! amontoai ossos! mas, por cima deles, por cima de vós mesmos e por cima de tudo, o povo dará sua resposta, esmagará os tiranos e criará uma sociedade melhor.

NEMO

## CIÊNCIA SOVIÉTICA DIRIGIDA

*Segundo prometemos, traduzimos hoje o que, sobre Bergson, se lê no Pequeno Dicionário Filosófico, 4ª edição do Estado Soviético, feita em Moscou.*

Bergson, Henrique (1859-1941), filósofo reacionário francês, idealista e místico, inimigo acérrimo do socialismo, da democracia e do conceito do mundo científico materialista. Bergson é o filósofo mais influente da burguesia imperialista. O idealismo de Bergson é a expressão mais convincente do movimento para o irracionalismo característico da burguesia da época imperialista de desvio e irracionalismo, isto é, repúdio do conhecimento lógico e racional e guerra declarada da ciência. No íntimo da filosofia de Bergson percebemos a vontade explícita de denegrir, de desacreditar o conhecimento científico e o pensamento racional e lógico. Bergson esforça-se por demonstrar que a verdade é inacessível à ciência e que impossível é conhecer a verdade por meio da lógica. A ciência, segundo Bergson, só pode servir à aplicação prática, mas é incapaz de atingir o conhecimento da verdade. Ao conhecimento racional, lógico, opõe Bergson a faculdade mística da intuição ou "percepção" direta (*véde intuitivismo*). A intuição bergsoniana abre caminho ao clericalismo e ao obscurantismo. Ao conceito científico-materialista da natureza, opõe Bergson a metafísica espiritualista com seu dado característico da *duracão*. Com efeito, Bergson declara que a *duracão pura*, não material, é o fundamento de tudo o que existe. Na matéria, no tempo ou movimento, Bergson vê somente as diferentes formas assumidas pelas manifestações da *duracão*. Na realidade, a *duracão bergsoniana* é simplesmente um novo termo para designar o velho conceito de *espírito*, base de toda doutrina idealista e mística. No concernente ao problema da vida, Bergson é favorável ao *vitalismo*, doutrina contrária à ciência biológica, que substitui o conceito científico do desenvolvimento orgânico pelo conceito místico da *evolução criadora*, fundada no *surto vital*. Esse conceito anticientífico leva naturalmente Bergson à idéia religiosa do criador como motor do universo. O grande estudioso russo K. A. Timiriazev definiu Bergson um *metafísico de primeira água* que dava um passo a *trezentos anos atrás, da experiência para a intuição, da fisiologia para o vitalismo*. A sociologia religiosa e filofascista de Bergson baseia-se no reconhecimento da prioridade do *espírito espiritual* e da *comunidade espiritual* à comunidade materialista. A filosofia de Bergson justifica a exploração, a agressão militar e a imortalidade. Essa filosofia ajuda as manobras dos ideólogos reacionários do imperialismo e dos obscurantistas religiosos. De fato, a filosofia de Bergson é fundamental para os autores do fascismo italiano.

dor de riquezas. E' muito ingénuo quem supuser que os impostos sobre lucros excessivos dos magnatas é pago por estes. Estes nada criam; apenas exploram o trabalho alheio. Esses têm meios e modos de nos seus negócios, saírem toda a quantia desses impostos e mais alguma.

Portanto, todo aumento nas quotas para as autarquias é mais um imposto aos trabalhadores.

O deputado Falcão demonstra, no seu afã de merecer votos do proletariado nas próximas eleições, falso interesse está em supor grande serviço essa mudança reles de sistema administrativo, deslembado, o ingénuo, de que, se o mel varia, as moscas são as mesmas.

Se o sr. Falcão pensasse no seu próprio nome veria que a chamada luta de classes se limita ao seguinte: a secular luta de poucos falcões famintos contra a multidão das aves menores. Já teria visto o sr. Falcão, em alguma parte do mundo, criar alguém, na mesma gaiola, falcões e periquitos?

A junta administrativa ideada pelo sr. Falcão consiste exatamente em colocar juntos dois falcões e um periquito.

Quais os inimigos únicos, seculares, onipotentes dos trabalhadores? Resposta: o Estado e os patrões. Chame-mos a estes: **empregadores** e teremos no governo dos institutos, pela fórmula Falcão, trabalhadores contra Estado e patrões, numa ridícula minoria. Acresce que essa minoria é de homens geralmente rudes e malfalantes, incapazes de lutar contra as artimanhas de juristas amestrados e homens de negócio exercitadíssimos. Em conclusão: a fórmula do **falcão** deputado é de político manhoso e, como político, de qualquer feição ou partido, protetor exclusivo dos seus amos: o Estado e os patrões.

Temos dito e redito que o primeiro ato de reivindicação dos trabalhadores, dominados e submetidos pela ditadura getulista é, num arremesso de ombros, alijar tudo quanto essa ditadura criou em matéria de legislação social: Ministério do Trabalho, Institutos e Caixas, carteira sindical, diretoria de pelegos e as próprias leis sociais.

Todo governo é político e o fito único dos políticos é iludir os trabalhadores para mantê-los escravos dos potentados do dinheiro.

O projeto Falcão é tentativa de um político para parecer **bonzinho**. Nada resolve e seu autor, com toda a certeza, bem sabe disso. Não precisamos de videntes para ver-lhe o sorriso de esperteza ao preconizar seu projeto em favor das classes laboriosas, etc., etc.

Comédia conhecidíssima!

# O ESTADO E SEU PAPEL HISTÓRICO

Por PEDRO KROPOTKIN

reiros designar com o nome de Estado.

Sabemos que existe a escola alemã que se compraz em confundir Estado com Sociedade. Também existe essa confusão em muitos escritos dos melhores pensadores franceses, os quais não podem conceber a sociedade sem a centralização realizada pelo Estado. Dessas teorias nasce a contínua e habitual censura dirigida aos anarquistas, censura de que querem destruir a sociedade; de que prediam a regressão à guerra perpétua de cada um contra todos.

Esses raciocínios significam claramente absoluta ignorância dos progressos realizados no domínio da história, durante os últimos trinta anos, significa também, por conseguinte, ignorar que o homem viveu em sociedade durante milhões de anos antes de conhecer o Estado; significa, esquecer ou desconhecer que o Estado é de origem recente dentro das nações europeias, onde, com efeito, apenas data do século XIV; significa, enfim, não ter o menor conhecimento de que os períodos mais gloriosos da Humanidade foram aqueles em que as liberdades e a vida local não estavam ainda destruídas pelo Estado e em que as massas humanas viviam em municipalidades — comuns — e em federações livres.

O Estado não é mais do que uma das formas revestidas pela sociedade no decurso da História. Como é possível que se tenha confundido a sociedade com uma de suas formas?

Confundi-se, por outra parte, o Estado com o Governo. Já que não pode haver Estado sem Governo se afirmou e repetiu algumas vezes que o que é indispensável realizar é a abolição do Governo e não a do Estado. Parece-me, não obstante, que Estado e Governo são duas noções distintas, de ordem muito diferentes. A idéia de Estado implica algo muito contrário à idéia de Governo. Significa, o Estado, não só a existência de um Poder colocado acima da sociedade, mas também, e principalmente, uma concentração territorial e uma concentração de muitas funções da vida das sociedades nas mãos de alguns ou até de todos os seus componentes. Implica, finalmente, novas relações entre os membros da sociedade.

Esta distinção do Estado, que talvez escape em primeira observação, aparece, sobretudo, quando se estudam suas origens. Para compreender bem o que o Estado significa, só existe um meio: estudá-lo em seus desenvolvimentos históricos. E é isso o que vou tentar.

remos designar com o nome de Estado.

Sabemos que existe a escola alemã que se compraz em confundir Estado com Sociedade. Também existe essa confusão em muitos escritos dos melhores pensadores franceses, os quais não podem conceber a sociedade sem a centralização realizada pelo Estado. Dessas teorias nasce a contínua e habitual censura dirigida aos anarquistas, censura de que querem destruir a sociedade; de que prediam a regressão à guerra perpétua de cada um contra todos.

Esses raciocínios significam claramente absoluta ignorância dos progressos realizados no domínio da história, durante os últimos trinta anos, significa também, por conseguinte, ignorar que o homem viveu em sociedade durante milhões de anos antes de conhecer o Estado; significa, esquecer ou desconhecer que o Estado é de origem recente dentro das nações europeias, onde, com efeito, apenas data do século XIV; significa, enfim, não ter o menor conhecimento de que os períodos mais gloriosos da Humanidade foram aqueles em que as liberdades e a vida local não estavam ainda destruídas pelo Estado e em que as massas humanas viviam em municipalidades — comuns — e em federações livres.

O Estado não é mais do que uma das formas revestidas pela sociedade no decurso da História. Como é possível que se tenha confundido a sociedade com uma de suas formas?

Confundi-se, por outra parte, o Estado com o Governo. Já que não pode haver Estado sem Governo se afirmou e repetiu algumas vezes que o que é indispensável realizar é a abolição do Governo e não a do Estado. Parece-me, não obstante, que Estado e Governo são duas noções distintas, de ordem muito diferentes. A idéia de Estado implica algo muito contrário à idéia de Governo. Significa, o Estado, não só a existência de um Poder colocado acima da sociedade, mas também, e principalmente, uma concentração territorial e uma concentração de muitas funções da vida das sociedades nas mãos de alguns ou até de todos os seus componentes. Implica, finalmente, novas relações entre os membros da sociedade.

Esta distinção do Estado, que talvez escape em primeira observação, aparece, sobretudo, quando se estudam suas origens. Para compreender bem o que o Estado significa, só existe um meio: estudá-lo em seus desenvolvimentos históricos. E é isso o que vou tentar.

# Autarquias e Política

AÇÃO DIRETA tem afirmado freqüentemente e demonstrado, parece, que os institutos de previdência, longe de terem sido feitos para beneficiar os trabalhadores, mais têm servido aos funcionários e politiqueiros de toda casta.

Esse aspecto da questão, na realidade, não tem sido bem considerada, supomos, pelos trabalhadores em seus sindicatos e é necessário, muito necessário mesmo, que lhes façamos perceber essa miséria, verdadeiro escárnio do getulismo passado e presente.

Com efeito, o dinheiro arrancado mensalmente ao magro salário dos trabalhadores, em vez de ser todo aplicado em benefício dos trabalhadores, serve para manter uma vasta burocracia de filhotes da política bem remunerados. Outrora, as quotas sindicais, eram arbitradas pelos próprios sindicatos, isto é, por acôrdo dos mesmos trabalhadores. Essas quotas eram recolhidas pelos cofres dos sindicatos que as depositavam em bancos de sua preferência, com liberdade plena das diretorias de sacarem quantias segundo as necessidades. Vastos sindicatos como os tecelões, a Construção Civil, mantinham serviço perene de contabilidade e, em tal serviço, empregavam contabilistas especiais, alheios ao sindicato para impedir qualquer desconfiança ou vantagens a sócios. Sucedia que o serviço todo se fazia numa sala, com algumas mesas, à vista de todos, com reduzido número de empregados, pagos por tabela assentada em assembleia regular.

Hoje as enormes quantias saem dos bolsos dos sindicatos e vão para as chamadas autarquias. Estas desdoram seus serviços sem nenhuma satisfação dar aos prestamistas. Arbitram os ordenados dos seus servidores, ordenados muito superiores aos dos trabalhadores, ordenados que vão a dez, quinze, vinte mil cruzeiros mensais, fora as polpudas gratificações de fim de ano. Verdadeira mina.

Ora, sucede que essa vultosa quantia recebida pelas autarquias tem servido, como toda a gente sabe, para campanhas eleitorais do getulismo, financiamento de grandiosos edifícios em bairros chiques e, sobretudo, para pensão disfarçada de cabos eleitorais ou parentes. Premiam-se serviços de cabala com lugares polpudos, vitalícios, nesses institutos. Dizia-se isso francamente. Agora, surge um documento entre multíssimos não apreciados, confirmador do fato. Apon-tamos uma carta do deputado Armando Falcão, presidente de um desses institutos, a uma cabala eleitoral cearense prometendo-lhe bom lugar numa autarquia se lhe arranjasse, na localidade de Nova Rússia, duzentos votos. Temos aí um político, manobreiro de um instituto, a distribuir o dinheiro dos trabalhadores na compra indireta de votos. Por quanto sairia cada voto desses?

E' bem de ver que aos trabalhadores dos sindicatos de modo nenhum interessam votos de quem quer que seja a qualquer político democrata, cristão, socialista ou comunista, todos eles vinho ordinário da mesma pipa.

Que fazer? Só um recurso existe: libertarem-se os sindicatos dessas autarquias e do Ministério do Trabalho, chamar a si a administração do seu dinheiro e mandar às favas todos os políticos e quanto salafário se arvorar em seu dirigente, leader ou salvador!

tram os ordenados dos seus servidores, ordenados muito superiores aos dos trabalhadores, ordenados que vão a dez, quinze, vinte mil cruzeiros mensais, fora as polpudas gratificações de fim de ano. Verdadeira mina.

Ora, sucede que essa vultosa quantia recebida pelas autarquias tem servido, como toda a gente sabe, para campanhas eleitorais do getulismo, financiamento de grandiosos edifícios em bairros chiques e, sobretudo, para pensão disfarçada de cabos eleitorais ou parentes. Premiam-se serviços de cabala com lugares polpudos, vitalícios, nesses institutos. Dizia-se isso francamente. Agora, surge um documento entre multíssimos não apreciados, confirmador do fato. Apon-tamos uma carta do deputado Armando Falcão, presidente de um desses institutos, a uma cabala eleitoral cearense prometendo-lhe bom lugar numa autarquia se lhe arranjasse, na localidade de Nova Rússia, duzentos votos. Temos aí um político, manobreiro de um instituto, a distribuir o dinheiro dos trabalhadores na compra indireta de votos. Por quanto sairia cada voto desses?

E' bem de ver que aos trabalhadores dos sindicatos de modo nenhum interessam votos de quem quer que seja a qualquer político democrata, cristão, socialista ou comunista, todos eles vinho ordinário da mesma pipa.

Que fazer? Só um recurso existe: libertarem-se os sindicatos dessas autarquias e do Ministério do Trabalho, chamar a si a administração do seu dinheiro e mandar às favas todos os políticos e quanto salafário se arvorar em seu dirigente, leader ou salvador!

# Instituto e Vida Operária

O sr. deputado Armando Falcão houve por bem apresentar, na Câmara dos Deputados, um projeto de lei sobre os Institutos e Caixas de Aposentadorias e Pensões. O fim do projeto, afirmam, seria livrar esses Institutos do arbítrio governamental. Realmente, o chefe da nação escolhe quem quer para a presidência desses estabelecimentos e, nomeado o presidente, nem contas prestará da sua gestão ou dos dinheiros arrecadados.

O projeto Falcão, ao que sabemos, tira a presidência das mãos de um preposto do Presidente da República e entrega a administração de cada autarquia a uma colegiada, isto é, uma junta de nove membros, três representantes do governo, três dos empregadores e três dos operários. Essa divisão corresponde à triplíce classe dos contribuintes. Sucede porém, que dos três quotistas, o Estado jamais deu um vintém elevando-se sua dívida, atualmente, a mais de 12 bilhões de cruzeiros, ou sejam, 12 milhões de contos. E' claro que nunca esse

dinheiro entrará para as caixas das autarquias; nem consta que, no orçamento, haja alguma vez sido consignada verba para tal serviço. Verdadeiro calote premeditado.

Isso, aliás, pouco interessa aos trabalhadores, ou antes, para estes muito melhor será que assim continue a ser. Porque? perguntarão. Respondemos que esses 12 milhões de contos foram poupados ao sorvedouro das autarquias e portanto foram ônus a menos para os trabalhadores, únicos contribuintes das citadas caixas autárquicas. Com efeito, a quota dos trabalhadores é trabalho real, seu trabalho, pois é quota obrigatoriamente descontada nos seus salários. As quotas dos empregadores são ressarcidas por estes no aumento dos preços de suas mercadorias ou serviços. Logo, em última análise, quem as paga são os consumidores e, portanto, a massa trabalhadora.

As quotas do Estado seriam auferidas com impostos e esses impostos vão pesar sempre no trabalho, único cria-

# movimento Sindical



## Pela Libertação dos Sindicatos

“O MOVIMENTO DE ORIENTAÇÃO SINDICAL (MOS) ora manifesta aos trabalhadores o resultado dos anseios e da experiência de militantes sindicais, fiéis à classe operária e aos princípios democráticos.

### HONRANDO O PASSADO

Apesar de tantas vitórias obtidas, não nos conformamos com a situação atual em que se encontram nossos sindicatos. Continuam eles amarrados ao Ministério do Trabalho.

Alguns lutam opondo-se à política ministerialista, demagógica, partidária, corruptora e opressora. Mas a máquina ministerial, “lubrificada” pelo dinheiro do imposto sindical, é poderosa e continua levando de roldão o sindicalismo brasileiro.

Os antigos “donos” dos sindicatos estão sendo substituídos por novos carreiristas, que continuam a se arvorar “proprietários” dos anseios do proletariado.

Assim, os sindicatos, que deveriam ser a fortaleza e a vanguarda da luta operária por condições mais humanas de trabalho e por salários que possibilitem uma vida digna, continuam funcionando como simples apêndice do Ministério do Trabalho ou como meras associações beneficentes, afastando-se de sua missão própria e insubstituível.

Denunciamos também o carreirismo burocrático nas associações de classe. É preciso impedir que falsos líderes façam da direção sindical um mero emprego para o salto na política partidária.

Para enfrentar essa situação e lutar pelo fortalecimento de um autêntico movimento sindical, livre e democrático, militantes de várias categorias profissionais se uniram para formar o MOS.

### O DIREITO A LIBERDADE

Apoia-se o MOS no princípio de que a liberdade de pensamento, organização e ação, é fundamental para o fortalecimento do movimento operário e consequente emancipação do proletariado.

Sua principal tarefa será de esclarecimento da classe operária com relação aos seus direitos e meios de alcançá-los, visando como seu objetivo a formar os sindicatos independentes.

tes do governo, dos partidos e de quaisquer outras instituições.

Não é possível perdurar a mentalidade de que, para ser forte, o sindicalismo necessita contar com o beneplácito oficial ou oficioso do Ministério do Trabalho. O nosso passado honroso e a história do movimento operário em outros países, vêm provar o contrário: na medida em que são eles livres, tornam-se mais poderosos e eficientes.

Para conquista desses objetivos, conclamamos a todos os trabalhadores livres, de todas as categorias, para uma ação conjunta na vida sindical. É preciso acompanhar a atuação das diretorias, exercendo desassombrada fiscalização e apoiando corajosamente toda iniciativa honesta.

A presença ativa nas assembleias, dos que não se prendem a compromissos estranhos aos interesses dos trabalhadores, é o melhor meio para conseguir militantes de sólida consciência social, capazes de agir como orientadores nos seus sindicatos, nos centros de trabalho ou onde quer que se torne oportuno.

Baseando-se nesses objetivos e propósitos, o MOS desenvolverá suas atividades com os seguintes principais fins:

1 — Estimular o espírito associativo dos trabalhadores, cooperando para estreitar os laços da fraternidade proletária, bem como apoiar decididamente as reivindicações da classe operária.

2 — Trabalhar pela organização consciente e livre do proletariado, quer cooperando junto aos sindicatos e associações existentes, quer auxiliando a formação de novos, de profissões ainda não organizadas.

3 — Lutar pela total autonomia dos sindicatos e pelo irrestrito direito de greve.

4 — Lutar contra o carreirismo burocrático e o peleguismo a serviço das conveniências patronais e governamentais, quer nasça da corrupção pessoal, quer nasça da estrutura sindical vigente.

5 — Lutar contra o aproveitamento político-partidário das reivindicações sindicais do proletariado, contribuindo para manter o movimento associativo dos trabalhadores, distantes de manobras interessadas de quaisquer partidos.

6 — Sistematizar e divulgar os princípios teóricos e regras práticas do sindicalismo livre, atuando ativamente no sentido de elevar cada vez mais o nível profissional, intelectual, moral e social dos trabalhadores.

## Liberdade - Autonomia - Unidade Sindical

A organização sindical surge quando os trabalhadores, manuais ou intelectuais, sentem, mais profundamente, as consequências da pressão do patronato, e, verificando que, isolados, não se poderão defender eficientemente, são levados a cooperar com seus companheiros de categorias a fim de conseguirem a união que lhes dá a força necessária para a ação em prol de seus direitos.

Portanto, os trabalhadores, sem terem em conta diferenças de qualquer espécie, assim se organizam impulsionados pelos imperativos de sua condição de assalariados e não de adeptos de suas crenças religiosas ou princípios políticos.

No entanto, embora logicamente ligados por interesses profissionais comuns, os trabalhadores mantêm, individualmente, os mais diversos pontos de vista, que os dividem em seitas, correntes ideológicas e partidos políticos.

Apesar disso, e justamente por isso mesmo, os trabalhadores têm no sindicato de sua corporação o terreno a todos comum, onde é possível a sua livre união, com objetivos de interesses gerais, também a todos comuns, respeitando a autonomia de cada um, sem quebra de seus princípios, para defesa de seus direitos econômicos, profissionais e morais.

Essa é a razão pela qual a organização sindical é tanto mais forte e eficiente em sua ação, quanto mais completa é a união dos elementos que a compõem, com respeito da finalidade que a origina, o que permite, consequentemente, serem maiores as possibilidades de obterem sempre melhores resultados em sua ação defensiva e reivindicadora.

Conclui-se, pois, do estudo de sua origem, que a finalidade fundamental da organização trabalhista é conseguir unidade de vontades, de esforços e de ação dos assalariados dentro do movimento associativo, cada qual em sua categoria.

Essa unidade, entretanto, para ser legítima e defensável, deve ser resultado direto e exclusivo da ação espontânea, voluntária e consciente da classe trabalhadora. Entretanto, tal ação espontânea livre e criadora só é possível com a liberdade sindical, isto é, a liberdade de organizarem os assalariados por sua iniciativa direta, os seus sindicatos, entrezados, mantidos, orientados e dirigidos de acordo com as resoluções coletivas daqueles que os compõem, sem intervenção de quem quer que seja.

Essas bases da organização sindical correspondem a uma orientação histórica do movimento da classe trabalhadora do Brasil, plenamente praticada, antes da implantação da ditadura do Estado Novo, com resultados positivos, num longo e agitado período de produtivas lutas em prol de todos os direitos hoje consignados nas leis que servem de elementos demagógicos para os dominadores do poder.

Nesse glorioso período da organização operária deste país — resultado da ação consciente e livre dos trabalhadores — sempre existiu unidade sindical, apesar de haver a possibilidade de serem fundados mais de um sindicato de uma mesma categoria profissional — o que não sucedia porque os operários não julgavam necessário criar outros sindicatos, por serem apenas os trabalhadores os orientadores de seu movimento. Todas as tentativas feitas nesse sentido por elementos patronais, políticos ou pelegos de então, no sentido de serem fundadas duplicatas de sindicatos mistificadores, fracassaram em todos os setores.

Essa organização unitária foi estrangulada pelo advento da ditadura estadonovista, perdendo os novos sindicatos constituídos com a intervenção governamental a indispensável liberdade de ação, deixando de ser resultado da atividade consciente dos trabalhadores. Transformaram-se, assim, em apêndices do Ministério do Trabalho, sujeitos ao aparelho triturador da intervenção ministerial e em instrumentos de manobras da política corruptora.

Por essas razões, é falso supor que os sindicatos de hoje sejam a expressão da unidade voluntária dos trabalhadores e isso pelos seguintes motivos principais: a) não foram organizados pela ação livre do proletariado;

ria, porém, escandaloso obrigá-los à unidade. A tragédia dos juristas, homens cuja missão é fabricar leis e regulamentos teapeadores do povo, está em querer misturar água com vinho de tal modo, que seja água mas pareça vinho, ou vice-versa.

O autor confessa precisamente isso adiante aludindo às convenções coletivas de trabalho: “Já nos referimos, neste parecer, ao complicado mecanismo de que se serviram os juristas para, nesses países, ajustarem duas realidades que conflitam o sindicato plúrimo e seu poder normativo”. O conflito consta disso: dificuldade extrema de impor normas (isto é, cabresto) aos sindicatos múltiplos. Para escravizar os sindicatos, o ideal é o dos mestres escravizadores russos: sindicato único, igualzinho ao partido único.

Acompanharemos ainda o relatório no próximo número.

b) estão sujeitos a estatutos oficiais padrões e à fiscalização permanente e direta do Ministério do Trabalho; c) reúnem apenas, excetuados casos raros, uma mínima parte do conjunto de cada corporação; d) não têm vida econômica autônoma, pois dependem do imposto sindical, que se tornou elemento de corrupção associativa, servindo para alimentar uma burocracia dispendiosíssima e um sem número de pelegos que levam vida farta, folgada e parasitária, a serviço das conveniências ministeriais e manejos de políticos, do patronato e de autoridades, em detrimento dos interesses da classe operária; e) são campo aberto para a penetração de partidos políticos, que consideram a classe operária massa passiva, sem diretrizes próprias, sempre pronta para manobras desvirtuadoras.

Esses sindicatos têm todas as características dos sindicatos únicos dos regimes totalitários, tais como os que existiram durante o domínio do fascismo e do nazismo e dos agora existentes nos países de várias partes do mundo sujeitos à dominação de liberticidas ditaduras.

Por isso, não se pode admitir que exista hoje, no Brasil, unidade sindical, pois o que existe é o monopólio da organização sindical, a unicidade imposta pelo governo e pelo governo diretamente controlada, fazendo com que a reduzida parcela de trabalhadores sindicalizados, representada, ainda em menor número de seus membros apareçam, como se fossem elementos estranhos, para serem atendidos à moda de repartições públicas.

Chega-se, pois, à conclusão lógica de que o que há que fazer é trabalhar pela liberdade sindical, conseguindo-se que os sindicatos fiquem entregues unicamente aos trabalhadores, que poderão, dessa forma, transformá-los, pela sua própria ação, num prolongamento de seus lares, tornando-se centros de estreitamento de solidariedade, de educação, de instrução, de exercício associativo e de ação consciente em favor de seus direitos de produtores e de membros das comunidades em que vivem. Assim existirá a verdadeira unidade, como natural expressão da origem e finalidade legítima da organização proletária.

A pluralidade não terá razão de ser e dela os trabalhadores somente chegarão a usar — como recurso extremo e transitório — em defesa da própria unidade sindical, quando, como, presentemente acontece no Brasil, se encontra estrangulada por intervenção estranha, impossibilitando o operariado de agir nos sindicatos no desenvolvimento de suas legítimas finalidades.

Do exposto, pode-se encerrar este esboço sobre a liberdade, autonomia e unidade sindicais com a seguinte síntese:

- Sindicato único, ou unicidade sindical — expressão do monopólio sindical, estrangulador do movimento associativo da classe trabalhadora;
- Imposto sindical — elemento corruptor da ação livre, direta e consciente dos trabalhadores;
- Unidade sindical — como resultante da ação livre, direta e consciente da classe trabalhadora, dentro do regime de liberdade sindical;
- Pluralidade sindical — como recurso extremo de defesa do direito dos trabalhadores manterem livremente sua organização dentro da unidade voluntária;
- Dia Sindical — contribuição voluntária de um dia de trabalho integralmente arrecadada pelos sindicatos em substituição do imposto sindical obrigatório, e destinada unicamente à consecução das legítimas finalidades sindicais.

E. L.

## UM SAMBA DE TRABALHADORES

Há em Magé, cidade do Estado do Rio de Janeiro, uma fábrica de tecidos, propriedade da “Companhia Santo Amaro”. Exemplo típico de exploração capitalista, essa empresa vivia apenas ao lucro, sem ter em conta os direitos dos seus empregados. Quantas vezes estes recebiam os seus miseros salários com grande atraso, enquanto os proprietários se pavoneavam em magníficos automóveis. Como consequência da cupidiz e da falta de tino administrativo, a empresa, depois de interromper a fabricação, durante vários períodos, acabou indo à falência, lançando ao desemprego centenas de trabalhadores. Um deles compôs um samba, muito cantado naquela cidade por ocasião do último Carnaval. Foi a única vingança...

Aqui reproduzimos a sua letra, que, com a música, é da autoria de Francisco Sales.

Há quanto tempo não ouço o apito, Nem o barulho do tear; O silêncio é profundo, Até parece que o mundo Vai se acabar.

Não saiu o pagamento, Minha vida é um tormento, Minha vida é um horror!... Eu repito todo dia: Sindicato é fantasia, Que é do direito do trabalhador?!

## Unidade Sindical na Câmara

Voltando à Câmara dos Deputados, o projeto sobre organização sindical, carregado de 42 emendas, foi novamente examinado pelo relator deputado Gurgel do Amaral.

Como excelente burguês e político, defensor da pequena e alta classe de patrões, comerciantes e industriais, patente era que do seu exame, só poderia sair um ajeitamento qualquer para manter sob cabresto as classes trabalhadoras através dos seus sindicatos.

A classe trabalhadora constitui hoje, após o advento de Getúlio uma vasta manada de bestas duplamente carregadas.

Dantes, livres nos seus sindicatos múltiplos e autônomos, sem nenhuma sujeição a constituições, leis ou regulamentos, os obreiros eram bestas de carga apenas com relação aos patrões.

Agora, são bestas duplamente, pois, além de largarem a pele aos patrões no trabalho, ainda têm de sustentar toda a moderna malandragem parasitária dos Institutos. Segundo mostrou outro deputado, só o Instituto dos Industriários tem maior despesa que todo o Ministério do Trabalho. Somadas, essas autarquias, todas mantidas com o suor dos trabalhadores, constituem assombroso peso morto que os esmaga absolutamente.

O problema urgentíssimo mas hercúleo é o de alijarem os trabalhadores essa demasiada carga imposta por Getúlio e sua horda de malfetores.

O remédio para isso, a brecha para assaltar o reduto, seria a pluralidade sindical. Porém, no último número, AÇÃO DIRETA avisou que mais acreditava nos interesses do capital que nos caboclos de Umbanda.

Está vamos certos, certíssimos, de que, no parlamento, não venceria nunca o sindicato livre, plural, sem reconhecimento legais nem sequer registros.

Ora, o relator, deputado Gurgel do Amaral, examinou as emendas, rebateu-as e com aprovação da Comissão de Justiça, deixou os sindicatos precisamente como estavam: únicos, reconhecidos, registrados, sujeitos às leis trabalhistas, ao Ministério, à polícia, às autarquias, à carteira sindical, a todos os demônios do totalitarismo!

E não coram, êses descartados, de afirmar que mantêm rigorosamente a liberdade sindical garantida pela Constituição.

Porém, diz o relator, esse princípio é restringido pela própria Constituição a qual acrescenta: “mas sendo reguladas por lei a forma da sua constituição, a sua representação legal nas convenções coletivas de trabalho e o exercício de funções delegadas do poder público”.

Que se poderia esperar de um relator convencido da necessidade dessa tal liberdade dos Sindicatos.

Um grito de protesto. Ou bem os sindicatos são livres, isto é, com capacidade de se organizarem a seu bel-prazer, sem qualquer submissão política ou legal, ou estão sujeitos a regulamentos impostos pelo Estado e, em tal caso, não são livres de coisa alguma e o artigo 159 é uma palhaçada, brincadeira de mau gosto, atrizada à paspalhice de uma multidão opiada pelo quererismo do Estado Novo fascista.

O relator é forçado a reconhecer que a Constituição não opinou por qualquer das duas formas de organização a unicidade ou a pluralidade. Logo, a consequência seria deixar ao bel-prazer dos trabalhadores a preferência.

Não fôsse, porém, o relator jurista e político. Sim, seguindo as razões de ordem constitucional, está certo; mas existem as razões de ordem estritamente jurídico-doutrinária. E, segundo essas razões, o sindicato há de ser único.

Nós, leigos, pensamos que, se a Constituição é a lei suprema e se, conforme essa lei deve o sindicato ser livre, todas as mais razões jurídicas devem cessar ante os dizeres positivos dessa lei suprema.

Segundo essas razões jurídicas e doutrinárias. Ouçamos o relator: “O sindicato, em sua moderna conceituação, perdeu as suas características privativas para ter ingresso no direito público”.

Isso, em trôco miúdo, significa: o sindicato era livre antes de 1917; mas, com o exemplo da Rússia, criadora do sindicato estatal, submisso ao Estado totalitário, os capitalistas perceberam quão vantajosa essa forma de encabrestamento do trabalhador. Mussolini aplicou-a na Itália; Hitler adotou-a na Alemanha; outros países fascistas a assimilaram e Getúlio, fascista brasileiro, incorporou-a ao seu Estado Novo. E' isso, e mais nada, a tal conceituação moderna. Mas, essa conceituação moderna é a do sindicato fascista e não a do sindicato livre. De onde se deduz que o passe de mágica do sr. relator é este: a Constituição declara o sindicato livre; mas, essa mesma Constituição quer esse sindicato livre dentro da moderna conceituação e esse moderno conceito é a do sindicato escravo; logo,

o sindicato deve continuar como estava: escravo-livre.

Continua o relator: “O esforço de conciliação entre as suas novas atribuições delegadas pelo Estado ao sindicato e a permissão de se constituírem mais de um para cada profissão, constitui o drama dos juristas mais eminentes de todos os países em que prevalece o princípio da pluralidade sindical”.

Isso confirma o que acima dissemos.

Em palavras bem claras é o seguinte. Os sindicatos, órgãos de defesa dos trabalhadores, nada tinham com o Estado. Eram fluidos pelos políticos, mas conservavam sua personalidade, com regulamentos seus, vida autônoma, finanças próprias, administração independente. Organizaram-se em federações e confederações e, em muitos ou quase todos os ramos de indústria, havia mais de um conforme as tendências e afinidades dos trabalhadores. Havia pluralidade sindical. Os senhores juristas nenhum drama ou tragédia tinham. Eram meros espectadores do conflito econômico entre patrões e trabalhadores.

Veio então o Estado Totalitário, soviético, mussolinico, hitlerista. O capitalismo fascista tratou de incorporar, à força, os sindicatos ao Estado, para dirigi-los, embridá-los, algemá-los. Ora, o ideal, a amostra russa, era o sindicato único. Porém, nos países não-fascistas, onde os sindicatos eram, por tradição, múltiplos, surgiu o tal drama dos juristas. Os sindicatos passaram de autônomos a dirigidos, fiscalizados dominados, escravizados. Se-

